

>> Artigo

A experiência da avaliação institucional na EJA: desafios e possibilidades

Vanessa Taschetto Pinto*

Resumo:

O presente trabalho busca apresentar o percurso de avaliação institucional realizado em uma escola municipal de Ensino Fundamental, que oferta a Educação de Jovens e Adultos, na modalidade de Educação à Distância, em uma cidade do Vale do Paranhana, no Rio Grande do Sul, no ano de 2021. A pesquisa visa a salientar a importância da participação e escuta de professores, alunos e equipes na proposição de mudanças e práticas escolares. As ferramentas utilizadas para a coleta de dados deste estudo foram os momentos de escuta atenta dos diálogos entre os professores e alunos, questionário semiestruturado para alunos e professores e análise dos documentos legais da escola, como regimento e projeto político pedagógico e um encontro geral com os professores. A partir do estudo, busca-se reconhecer a importância da pesquisa dentro da escola, vista na forma de avaliação institucional, como aliada e propulsora da transformação das práticas e na formação contínua do professor.

Palavras-chave:

Educação de Jovens e Adultos. Avaliação Institucional. Formação de Professores.

The experience of institutional evaluation in EJA: challenges and possibilities

Abstract: The present work seeks to present the course of institutional evaluation carried out in a Municipal Elementary School, which offers Youth and Adult Education, in the form of Distance Education, in a city in Vale do Paranhana, Rio Grande do Sul, in the year 2021. The research aims to emphasize the importance of participation and listening to teachers, students and teams in proposing changes and school practices. The tools used for data collection in this study were the moments of attentive listening to the dialogues between teachers and students, a semi-structured questionnaire for students and teachers and analysis of the school's legal documents, such as the regiment and pedagogical political project and a general meeting with the teachers. Based on the study, we seek

* Licenciada em Pedagogia Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Crianças, Jovens e Adultos pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT. Psicopedagoga no Núcleo de Atendimento Educacional Especializado de Três Coroas (RS). E-mail: nessatasp@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3395-2046>.

to recognize the importance of research within the school, seen in the form of institutional evaluation, as an ally and driver of the transformation of practices and in the continuous training of teachers.

Keywords: Youth and Adult Education. Institutional Assessment. Teacher training.

La experiencia de evaluación institucional en EJA: desafíos y posibilidades

Resumen: El presente trabajo busca presentar el curso de evaluación institucional realizado en una Escuela Primaria Municipal, que ofrece Educación de Jóvenes y Adultos, en la modalidad de Educación a Distancia, en una ciudad de Vale do Paranhana, Rio Grande do Sul, en 2021. La investigación tiene como objetivo enfatizar la importancia de la participación y la escucha de los profesores, estudiantes y equipos en la propuesta de cambios y prácticas escolares. Las herramientas utilizadas para la recolección de datos en este estudio fueron los momentos de escucha atenta de los diálogos entre docentes y alumnos, un cuestionario semiestructurado para alumnos y docentes y el análisis de los documentos legales de la escuela, como un reglamento y proyecto político pedagógico y una Reunión general con los profesores. A partir del estudio, buscamos reconocer la importancia de la investigación al interior de la escuela, vista en forma de evaluación institucional, como aliada y motora de la transformación de las prácticas y en la formación continua del docente.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos. Evaluación Institucional. Formación de profesores.

Introdução

O presente trabalho busca apresentar o percurso de avaliação institucional realizado em uma escola Municipal de Ensino Fundamental, que oferta a Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em uma cidade do Vale do Paranhana, no Rio Grande do Sul, no ano de 2021.

A iniciativa de uma avaliação partiu da nova gestão administrativa do município, empossada no ano anterior, tendo como objetivo anunciado observar e investigar se a oferta atual da Educação de Jovens e Adultos – EJA (Anos Finais), oferecida na modalidade Educação a Distância – EAD, estava atingindo a demanda de jovens e adultos não escolarizados no município. Para isso, houve o convite à psicopedagoga que trabalha no município e não pertence ao quadro de funcionários da escola para realizar tal investigação.

Cabe ressaltar que as mudanças constantes na gestão administrativa dos municípios geram mudanças periódicas nos planos educacionais nas diferentes modalidades, visando a deixar sua “marca” nos projetos já realizados. No entanto, a informação recebida é a de que qualquer mudança nessa organização da EJA na instituição levaria em conta os dados da avaliação institucional, uma vez que agregaria as percepções dos diferentes segmentos da escola (funcionários e alunos), promovendo a análise de dados quantitativos e qualitativos.

Os desafios da EJA no sistema escolar são constantes e é comum professores e alunos acreditarem que ela deve seguir a mesma lógica de organização e metodologia do ensino com crianças e jovens. Há um desconhecimento por parte dos docentes da legislação vigente e da história, pressupostos e especificidades da EJA.

A EJA, antes vista como projetos realizados de forma supletiva e suplementar, agora emerge dentro de um sistema escolar, tornando-se um desafio complexo, pois é preciso que essa organização, que de alguma forma excluiu ou impossibilitou que jovens e adultos tivessem o acesso à escola, não se repita. Arroyo apresenta a necessidade de reflexão sobre essa imersão no sistema escolar:

O que estamos sugerindo é repensar os parâmetros escolares com que a história da EJA tem sido contada. Buscar parâmetros próprios específicos na diversidade de formas tentadas para garantir o direito à formação, à socialização e às aprendizagens. [...] Teremos que inventar alternativas corajosas, assumindo que as formas como se cristalizou a garantia pública à educação não são estáticas. Podem e devem ser reinventadas. (ARROYO, 2011, p. 45).

O autor destaca a necessidade de contextualização da EJA com sua história, trazendo a importância desse diálogo entre a EJA e o Sistema Escolar, uma vez que, dentro do nosso sistema de ensino, ela se torna menos um projeto compensatório e mais um campo de direitos e de responsabilidade pública.

A Educação de Jovens e Adultos avançará na sua configuração como campo público de direito na medida em que o sistema escolar também avançar na sua configuração como campo público de direitos para os setores populares em suas formas concretas de vida e sobrevivência. (ARROYO, 2011, p. 49).

No entanto, dentro do sistema escolar, a EJA permanece entrelaçada de desafios constantes: como oferecer o acesso e permanência desses alunos promovendo práticas mais flexíveis e atentas às especificidades desse público, dentro de um sistema escolar ainda tão enrijecido e pouco flexível? Como auxiliar o professor e as equipes a refletir sobre o seu papel dentro desse sistema, para não apenas reproduzir as práticas realizadas no ensino “regular” diurno?

As reflexões que emergem, primeiramente, da nova gestão administrativa, apresentam-se necessárias e importantes a todos os agentes que participam da EJA na escola. É preciso questionar se a atual proposta está em acordo com as necessidades desses alunos e como estudantes e professores avaliam o processo educativo que estão inseridos.

A proposta constituiu-se, então, antes da realização de qualquer mudança nessa organização atual, pela busca de mecanismos para conhecer a realidade existente e por saber o que pensam os sujeitos envolvidos nessas práticas educativas.

O presente artigo pretende apresentar o percurso realizado nessa instituição, através de uma avaliação com professores e alunos da escola, de modo a ressaltar a importância e as possibilidades que decorrem de uma avaliação institucional na escola, auxiliando o grupo docente na reflexão e nas possibilidades de mudanças dentro da Educação de Jovens e Adultos ofertada no município.

A avaliação institucional aqui apresentada pode representar um mecanismo importante dentro das escolas, pois, através da coleta de dados e percepções da comunidade escolar, podemos mobilizar os sujeitos a refletir, dialogar, propor e participar de mudanças significativas. Teixeira destaca importantes características dessa avaliação:

[...] é o processo pelo qual a escola é capaz de olhar criticamente para si mesma com a finalidade de melhorar o seu desempenho, através da identificação de áreas mais problemáticas e da procura de soluções mais adequadas, para o desenvolvimento do trabalho escolar; • é uma investigação permanente do sentido da organização e das ações da escola conduzida pelos próprios profissionais do estabelecimento de ensino; • é o processo de melhoria da escola, conduzido através quer da construção de referenciais, quer da procura de fatos comprobatórios, evidências, para formulação de juízo de valor; • é um exercício coletivo, assentado no diálogo e no confronto de perspectivas sobre o sentido da escola e da organização; • é um processo de desenvolvimento profissional; • é um ato de responsabilidade social; • é uma avaliação orientada para a utilização; • é um processo conduzido internamente, mas que pode e deve contar com a assessoria de agentes externos. (TEIXEIRA, 2010, p. 322).

Sobre a Instituição

A escola, localizada em uma área central do município, possui atualmente uma população total de 100 alunos matriculados, sendo 85 alunos nos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), caracterizado como público da pesquisa, e 15 nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).

A organização dos Anos Finais se dá de forma semestral, ou seja, cada ano correspondente à escola regular pode ser realizado em um semestre na forma de Educação à Distância (EAD).

O semestre é organizado em quatro módulos de estudos e, durante uma semana por mês, os alunos frequentam as aulas presenciais para desenvolver os conteúdos de cada módulo. Durante as demais semanas, os alunos estudam com uma apostila, que foi construída pelo grupo de professores e revisada em 2019. No final do semestre, os alunos realizam uma prova final de cada módulo para a promoção para a etapa seguinte.

Durante os dias sem aula presencial, os alunos podem procurar a escola para esclarecer dúvidas sobre os conteúdos, pois os professores cumprem a carga horária na escola.

A apostila é vendida em uma gráfica local, informada no ato da matrícula. Os alunos que não fazem a impressão, podem obtê-la, sem custo, em PDF, enviado ao e-mail ou WhatsApp do aluno.

No turno da noite, há um vigia, um responsável administrativo da direção da escola e 10 professores. Para esse responsável administrativo, a equipe se organiza em escala, ficando uma pessoa em cada noite (secretário, coordenador pedagógico, diretor e vice-diretor).

Nos dias em que não há aula presencial, a escola funciona de segunda a quinta, das 17h30min às 21h30min. Já em dias em que há aulas presenciais, o funcionamento é das 18h às 22h.

Os alunos dos Anos Finais não tinham alimentação na escola até agosto de 2021, passando a ter no decorrer dessa pesquisa, por orientação da Secretaria Municipal de Educação.

Há um transporte para os alunos, que passa em alguns pontos da cidade (uma parada por bairro).

A organização da EJA na forma EAD acontece desde 2007, cumprindo a quantidade de duzentos dias letivos e carga horária dos professores de quatro horas diárias, assim como no ensino diurno. Aos alunos são ofertadas quatro horas semanais de aula presencial não obrigatória.

Sobre a pesquisa e os resultados

As ferramentas utilizadas para a coleta de dados deste estudo foram os momentos de escuta atenta dos diálogos entre os professores e alunos, questionário semiestruturado para alunos e professores e análise dos documentos legais da escola, como regimento e projeto político pedagógico, constituindo-se, assim, uma primeira etapa de trabalho.

Ao final desta etapa, aconteceu um encontro geral para apresentar e discutir os dados coletados. Com isso, pretendeu-se traçar, junto com o grupo, novas possibilidades para a EJA dentro da escola.

O questionário para os professores foi realizado a partir da plataforma Google Forms, que é uma das ferramentas do Google para obtenção de dados. A disponibilização do questionário foi de forma online, com auxílio do WhatsApp para sua propagação entre o público-alvo. Foram elaboradas um total de treze perguntas, sendo doze perguntas fechadas e uma aberta, solicitando que os professores avaliassem a EJA (tanto na sua atuação como professor, como na organização desta modalidade na escola). A coleta de dados ocorreu entre junho e julho de 2021. A análise dos dados foi realizada por meio de estatística descritiva.

Para o questionário destinado aos alunos, foram elaboradas um total de vinte e duas perguntas, sendo vinte e uma perguntas fechadas e uma aberta. As perguntas tinham o objetivo de traçar um perfil do aluno da EJA, como, por exemplo, faixa etária e bairro, além de questioná-los acerca

da avaliação da organização desta modalidade de ensino, como por exemplo aspectos de carga horária e estrutura.

Ambos os questionários foram de caráter anônimo e voluntário. A disponibilização para os alunos foi de forma impressa e entregue antes da aula presencial. Nesse momento de entrega do questionário, somente 40 alunos responderam o questionário, os demais não estavam presentes, uma vez que a presença não é considerada obrigatória.

Na pesquisa com os professores foi possível observar que boa parte do grupo (80%) apresenta experiência no trabalho na Educação de Jovens e Adultos, seja no município investigado, como em outros municípios. No entanto, o grupo salientou, em diversos momentos, a necessidade de aperfeiçoamento nessa área, identificando como insuficiente a formação nessa área.

A maioria do grupo (90%) observa como positiva a organização da EJA no formato atual EAD, sendo justificado no seguinte relato de um dos professores entrevistados:

Quando era presencial era muito difícil. Havia alunos mais novos que eram enviados para a EJA por problemas de comportamento. Havia constantemente situações de agressões e brigas entre os alunos de diferentes bairros e os professores não conseguiam trabalhar. (Professor A).

Nota-se que a justificativa se baseia em frustrações quanto à organização anterior, e não que essa forma seja mais benéfica para o aprendizado dos alunos. Foram constantes os relatos de situações de violência no passado, quando a modalidade era presencial. Os professores relataram que a EJA era constantemente usada para transferência de alunos com idade avançada e que apresentavam problemas de comportamento em outras escolas do município.

Já as avaliações sobre a apostila e os recursos físicos e humanos destinados a EJA foram visualizados como insuficientes por boa parte do grupo. A pesquisa revelou que 90% do grupo entende que a apostila não é satisfatória para o aprendizado. Sobre avaliação dos recursos humanos e físicos, é nítida a insatisfação do grupo, como relata um dos professores:

Ter uma pessoa que responda pela EJA e que esteja sempre à noite na escola. Que as administrações conheçam o trabalho realizado para não fazerem julgamentos infundados como sempre foi feito. Que os professores sejam melhor valorizados, coisa que nunca foram, são eles que literalmente tocam a EJA, construíram a apostila, avaliações e contornam todos os problemas que surgem. (Professor B).

Ou, ainda, sobre a falta de assistência e recursos humanos na escola, complementa:

Agora temos um guarda responsável, mas sempre tivemos péssimos profissionais que nem no portão ficavam. A direção faz um bom trabalho, mas é simplesmente impossível a mesma pessoa dar conta da demanda do dia e também da noite. (Professor C).

As falas dos professores, tanto nos questionários como no encontro para apresentação de dados, revelam insatisfação por parte do grupo quanto à destinação de recursos e à atenção do poder público para as práticas ali desenvolvidas. Os professores evidenciam um possível descaso com a estrutura administrativa e de recursos humanos organizada para essa modalidade. Essa realidade não fica muito distante do quadro geral da educação de jovens e adultos no país, sempre a margem de políticas públicas sólidas e contínuas.

Através do questionário com os alunos, foi possível observar que o público atual da EJA nessa instituição apresenta-se relativamente proporcional na questão de gênero, identificando 51% de mulheres matriculadas no curso e 49% de homens. No geral, as idades entre os entrevistados oscilaram entre 17 e 40 anos, e o principal motivo elencado por terem abandonado os estudos foi

pela necessidade de trabalhar. A quantidade de bairros citados foi bem diversificada, sendo que atende oito dos doze bairros do município, justificado pela oferta restrita, já que esta escola é a única que oferta a EJA no município.

Na avaliação dos alunos, observou-se que apenas uma parte dos alunos (18%) visualiza como insatisfatória a forma atual da organização da EJA (modelo EAD). Os alunos que avaliaram essa organização como excelente perfazem 41% da amostra. Já o restante (41%), avalia como intermediário o formato EAD, pois percebem a necessidade de mais assistência do professor, principalmente nas áreas de matemática e língua portuguesa.

Abriel, Fofonca e Maciel, a partir da pesquisa realizada com estudantes da Educação de Jovens e Adultos na modalidade Educação a Distância da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, também trazem uma boa avaliação dos alunos da EJA nas aulas em formato EAD, como aponta a pesquisa dos autores:

Quanto à avaliação que o jovem ou o adulto participante da pesquisa fez relativamente à sua experiência como estudante da EJA na modalidade EAD, 57% considerou excelente; 29% avaliou como boa; 5% considerou razoável; enquanto, outros 5% diz ter sido ruim; e 4% avaliou como péssima. Nesse sentido, pelos dados apresentados, pode-se constatar que a grande maioria (86%) avaliou ter tido uma excelente/boa experiência no seu curso na modalidade EAD. (ABRIEL; FOFONCA; MACIEL, 2016, p. 299).

É preciso considerar a faixa etária dos participantes, sendo que, em ambas as pesquisas, é caracterizada por um público mais jovem: alunos entre 17 e 40 anos (nessa pesquisa) e 15 e 29 anos (na pesquisa dos autores), o que demonstra um público com idades na faixa etária inferior a 40 anos de idade, possivelmente com maior contato com as tecnologias atuais e melhores condições de utilizá-las de forma pedagógica para pesquisas e resolução de atividades.

A modalidade EAD, por necessitar de meios digitais, pode estar incentivando a procura de alunos de faixa etária mais jovem, uma vez que os jovens em geral se demonstram mais adaptados à tecnologia e possuem mais recursos que possibilitam acompanhar as atividades de forma remota.

No entanto, mesmo esse público mais jovem vem encontrando entraves para o seu desenvolvimento dentro dessa organização. Nos relatos dessa avaliação, é possível observar as dificuldades encontradas e evidenciar a necessidade do aluno por mais contato com o professor.

Sei que é difícil, mas se tivesse a opção de vir duas semanas por mês eu conseguiria aprender melhor, principalmente matemática e português. (Aluno A).

Falta explicação nas atividades, muitas vezes eu não entendo. (Aluno B)

Eu gostaria que as provas fossem com consulta no caderno, porque trabalhamos e fica difícil estudar. (Aluno C).

Aprender na escola com auxílio dos professores com certeza é melhor, só consultando a apostila em casa, nem sempre dá certo. (Aluno D).

A narrativa mais descritiva dos alunos evidencia um distanciamento entre o professor e o aluno, apresentando as fragilidades dessa forma de educação, mesmo que a maioria dos alunos não avalie negativamente a forma de EAD.

A pesquisa também revela que, mesmo a apostila sendo o único recurso metodológico do aluno para o estudo remoto, poucos alunos (apenas 10%) adquiriram a apostila semestral para estudar em casa. É importante destacar que a apostila não é obrigatória, mas é de responsabilidade do aluno a sua impressão, caso não possua mecanismos de leitura em telefones, *tablets* ou computadores.

Outro fator observado foi a pouca procura dos alunos, durante as outras semanas, para dúvidas e explicações extras. Durante as conversas com professores, alunos e equipe, observou-se que não há muita divulgação ou incentivo para que os alunos compareçam a essa monitoria mais individual.

Nesse sentido, observa-se que o contato do aluno com as propostas educativas nesta instituição fica restrito a quatro semanas por semestre para aulas e uma semana por semestre para avaliações, já que boa parte dos alunos não acessa o material disponibilizado e não comparece nas tutorias com os professores.

Também nesta etapa, foi realizada uma conversa com a direção da escola. Neste encontro, a direção mostrou-se empenhada na busca de novos alunos e na assistência ao professor, mas ficam evidentes as dificuldades de recursos humanos para trabalhar na EJA, já que não há uma equipe que consiga estar todas as noites na escola.

Para abrir e fechar a escola durante a noite, o grupo realiza um rodízio de funcionários. Observa-se que esse trabalho escalonado não sobrecarrega a equipe, mas também não auxilia na concordância de práticas, uma vez que a cada dia há um profissional diferente na escola.

O diálogo com professores, alunos e equipe demarca severas fragilidades da EJA, seja em recursos físicos e materiais, como nas propostas metodológicas. A pouca visibilidade da EJA dentro do sistema escolar é percebida na economia de recursos humanos, físicos e práticas aligeiradas que permeiam o trabalho com jovens e adultos. Não fica difícil supor que a EJA ainda cumpre, na escola pública, um papel ainda suplementar e provisório, apenas para cumprir a exigência de oferta.

As falas dos professores e equipe revelam a pouca ou nenhuma especificidade dessa modalidade. Todos os professores da EJA também atuam durante o dia com crianças e jovens, e fica evidente a não diferenciação nas práticas em ambos os turnos. Na avaliação, a maioria dos professores desconhece a legislação da EJA, e afirmou não ter participado de formação continuada nessa área.

A venda da apostila, que tem um custo estimado de cinquenta reais por módulo, contradiz a gratuidade do ensino, já que somente os alunos com condições financeiras terão acesso ao mecanismo de ensino em casa, evidenciando, novamente, a negação desse retorno ao estudo como um direito.

Os desafios de considerar as especificidades da EJA são constantes. Arroyo (2011) destaca a necessidade de um projeto de EJA que supere a visão supletiva e visualize o seu público como alguém que teve seus direitos negados, demarcando, assim, o caráter social da EJA e a necessidade de ofertar uma segunda oportunidade de escolarização, percebendo os jovens e adultos além de suas carências:

Superar a dificuldade de reconhecer que, além de alunos jovens evadidos e excluídos da escola, antes do que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida e o afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência. [...] A EJA sairá dessa configuração supletiva, preventiva e moralizante se mudar o olhar sobre os jovens e adultos e os ver com seu protagonismo positivo: sujeitos de direitos e sujeitos de deveres do estado. (ARROYO, 2011, p. 24-26).

Além disso, na documentação da instituição, foi possível observar a forma bastante abreviada de citação dessa modalidade no Projeto Político Pedagógico da Escola, inclusive discrepante com a organização atual da EJA, o que demonstra que esse documento precisa ser revisto.

Ao final desse primeiro momento da avaliação, foi realizado um encontro geral com os professores, apresentando os dados preliminares obtidos na pesquisa e realizando, com eles, um levantamento dos questionamentos relevantes.

Os professores foram convidados a expor seus questionamentos, dúvidas e posicionamentos para o debate geral. Esse foi um momento importante de apresentação e análise dos dados da pesquisa institucional, que possibilitou a interação do grupo com os dados investigados.

Teixeira (2010) salienta a importância de um olhar sobre os dados obtidos para que possam ser contextualizadas, podendo gerar novas discussões. Sobre esse momento, aponta a importância da organização clara desses dados:

O trabalho de análise de dados consiste em reduzi-los ou condensá-los em tabelas, gráficos, sumários estruturados em função de categorias de análise, sinopses, registros de pequenos episódios, diagramas que mostram a relação entre eles. São apresentações das informações coletadas nos instrumentos de modo sintetizado, que permitem uma primeira análise para a qual é importante ter presentes os objetivos e as questões de avaliação inicialmente propostas. Dela emergem as primeiras tendências, as primeiras imagens da escola, ainda não articuladas numa imagem global: são os resultados preliminares. Eles geralmente suscitam mais perguntas, ora porque se encontram discrepâncias, ora porque existe uma combinação de informações não prevista ou pensada, que implica um novo olhar aos dados originais. (TEIXEIRA, 2010, p. 326).

Observando as narrativas sobre as dificuldades dos alunos em acompanhar as atividades no modelo atual de organização da EJA, o grupo de professores traçou metas para uma próxima etapa de trabalho, que se encontra ainda em elaboração. Os próximos passos estão sendo traçados a partir da discussão: *Como queremos/podemos realizar a organização da EJA para o próximo ano? Quais os recursos/materiais que precisamos solicitar para esse trabalho? O que queremos/precisamos aprender sobre EJA? Como podemos ter acesso a esses conhecimentos? Quais as parcerias possíveis para o vínculo EJA e profissionalização?*

Além da discussão a partir das narrativas de professores e alunos, foram apontadas as fragilidades da pesquisa, como a não participação de cerca de 50% dos matriculados (que não estavam presentes no dia do questionário) e sobre a caracterização fortemente marcada por jovens dentro dessa forma EAD, questionando se a EAD não propicia certa especificidade dos matriculados e reduz o acesso ao público em geral. Nessa caracterização, buscou-se trazer para o debate uma questão norteadora importante: qual a demanda de alunos da EJA no nosso município?

Essa temática discutida no grupo é abordada por Alves, Comerlato e Sant'Anna (2019), que apresentam resultados de uma pesquisa sobre a oferta de vagas e a demanda para a Educação de Jovens e Adultos no Estado do Rio Grande do Sul:

Para tanto, emprega-se, para fins deste estudo, os seguintes conceitos: Oferta de Vagas na EJA – A Educação básica é um direito público subjetivo e se efetiva na forma de realização da matrícula escolar. Cada matrícula realizada corresponde a uma vaga oferecida pelas diversas redes de ensino. Deste modo, o total de matrículas iniciais realizadas na EJA é igual ao total de oferta de vagas desta modalidade. Demanda Total para EJA – A partir do disposto na LDBEN/96, a demanda total para EJA seria constituída por: Pessoas maiores de 15 anos não alfabetizadas; Pessoas maiores de 15 anos que não concluíram o Ensino Fundamental; e Pessoas maiores de 18 anos que não concluíram o Ensino Médio. Demanda Potencial para EJA – Corresponde a demanda total menos o nº de vagas ofertadas. (ALVES; COMERLATO; SANT'ANNA, 2019, p. 46).

Assim, a pesquisa dos autores revelou a disparidade entre a oferta de EJA e a demanda para essa escolarização, demonstrando que “[...] é impossível imaginar que neste universo de milhares

de pessoas a EJA ofertada seja suficiente” (ALVES; COMERLATO; SANT’ANNA, 2019, p. 50); o grupo observou que a demanda potencial para o Ensino Fundamental dentro do município é muito maior que a imaginada, evidenciando que o grupo que frequenta as aulas é uma parcela mínima da *demanda potencial* do município.

A partir destes dados, alguns questionamentos surgiram dentro do grupo, como: *Quais os bairros da cidade que atualmente teriam mais demandas para a EJA? Como podemos buscar esses dados mais detalhados? O que impede o acesso dos alunos no retorno a escola? Esse público se adequaria à forma EAD?*

O grupo de professores identificou que há fragilidades na formação inicial e dificuldade do trabalho com alunos jovens e adultos e suas necessidades pelo retorno ao ensino. Houve a percepção da necessidade urgente de formação específica para a EJA durante as etapas propostas. Para essa formação, também foi realizada, em conjunto com os professores, o levantamento de demandas principais para palestras/cursos na área, entre elas surgiram: a) os princípios e concepções da Educação de Jovens e Adultos; e b) a articulação profissional na Educação de Jovens e Adultos e Legislação da Educação de Jovens e Adultos.

Santos e Corrêa (2017) também observam a ausência da EJA na formação inicial e trazem os desafios dos docentes da EJA devido às especificidades do público que atende, além de menos tempo de trabalho e redução dos currículos. Os autores relatam:

Os estudantes da EJA, cumpre salientar, outrora caracterizavam-se por adultos trabalhadores que não haviam tido a oportunidade de frequentar o Ensino Regular na idade certa e que buscavam, na escola, os conhecimentos que lhe foram negados. [...] Sob a perspectiva de formação docente voltada para EJA, que é o propósito desta reflexão, os docentes que atendem sujeitos que possuem inúmeras necessidades, as quais diferem dos estudantes do diurno devido as suas trajetórias de fracasso, bem como outros fatores de risco, encontram-se numa espécie de desamparo geral. O desamparo inicia com a sua formação acadêmica, seguindo pelo cotidiano escolar, onde a sua condição de professor da EJA é pouco valorizada [...]. (SANTOS; CORRÊA, 2017, p. 8-9).

Os autores ressaltam o paradoxo vivido pelo professor, pois ao adentrar essas discussões as demandas só aumentam. Percebe-se a necessidade de um espaço de inclusão, voltado à cidadania, ao mesmo tempo que é exigido dar conta da educação formal voltada para o mundo do trabalho (SANTOS; CORRÊA, 2017).

Também é importante relatar que a avaliação não foi uma tarefa simples. Durante as intervenções, principalmente no início, foi percebida, constantemente, certa estranheza do grupo com as propostas desenvolvidas e descritas acima. A sugestão de avaliar pode causar incômodos, questionamentos entre o grupo. Teixeira aborda algumas situações que podem permear o processo de avaliação dentro da escola:

Quanto à avaliação interna, proposta pela própria instituição escolar, é preciso estar atento a diversos problemas que podem surgir: a hostilidade e resistência em relação ao processo avaliativo, a credibilidade ética profissional do avaliador, o caráter individualista da função docente, a falta de apoio técnico, logístico e de tempo, a impaciência pela obtenção dos resultados, a ocultação de informações fundamentais, a falta de motivação profissional, a imersão da equipe avaliadora na realidade avaliada, as pressões internas por interesses, a inércia institucional, ou seja, a própria cultura da escola. (TEIXEIRA, 2010, p. 319-320).

Esse movimento é justificado pelo próprio conceito tradicional de avaliação que ainda permeia a escola: uma forma de medir e classificar. No entanto, é preciso rever esse conceito, já que “a avaliação educacional tem uma perspectiva muito mais ampliada, não se atendo apenas

aos resultados do rendimento escolar, mas a todos os elementos que permeiam o processo ensino-aprendizagem, ou seja, a toda a realidade educativa” (TEIXEIRA, 2010, p. 316).

Conclusões

A Educação de Jovens e Adultos ofertada na instituição investigada está ainda bem distante de práticas que rompam com a ideia inicial de supletivo e compensação, marcadas na história da EJA. Há um desconhecimento sobre a história da EJA, tornando ausente a reflexão sobre suas especificidades e pressupostos.

A legislação também é pouco conhecida na instituição, fazendo com que a EJA se identifique mais com um ensino “regular” noturno do que com o verdadeiro acesso e permanência aqueles que já foram excluídos desse sistema.

No entanto, a avaliação institucional pode se apresentar como um importante instrumento de discussão e reflexão dos profissionais que compõe o projeto da escola. A partir da avaliação, pode-se justificar alterações, criar propostas inovadoras, além de tornar visível a percepção e as intencionalidades do grupo quanto à proposição. Essa avaliação pode tornar-se um excelente recurso para observar e analisar a realidade educativa, suas intencionalidades, seus saberes, seus conflitos e dilemas.

Tão complexo como propor a auto avaliação da escola é emergir novos olhares para a EJA. A construção das especificidades da EJA dentro da escola regular é um desafio constante. É preciso trazer constantes discussões sobre as características desse público para construir um novo olhar sobre a prática pedagógica nessa modalidade.

A complexidade dessa modalidade como uma etapa de escolarização dentro de sistemas escolares ainda tão tradicionais demanda estratégias de reflexão constantes para aproximar as propostas das necessidades reais desse público. É preciso promover práticas de reflexão com os professores. Esses agentes que também trabalham durante o dia no ensino “regular” precisam constantemente de mecanismos que possam fazê-los questionar e refletir sobre as diferenças necessárias nas suas metodologias, avaliações e propósitos nas práticas com a EJA.

A avaliação institucional pode significar um caminho fértil para despertar, dentro da escola e dos professores, o desejo e a necessidade de novas organizações e práticas, desde que construído junto com o professor, com respeito as suas crenças, construções e práticas. Dentro dessa prática, o professor pode se tornar mais ativo e reflexivo das suas necessidades e intencionalidades, uma vez que é convidado a discutir, refletir sobre dados qualitativos e quantitativos de sua escola. Esse processo avaliativo que inclui o professor pode iniciar inúmeras possibilidades na escola e na EJA.

Na instituição avaliada, a EJA permanece na modalidade EAD, mas já se estuda a proposta de uma modalidade presencial, fundamentada pelo próprio grupo. As discussões prosseguiram, com muitas ideias e sugestões que vieram do próprio grupo, buscando parcerias dentro e fora do município.

É preciso ter clareza de que a pesquisa e a avaliação na educação, principalmente dentro da escola pública, é um processo complexo e permanente. O fazer ativo na escola é um desafio constante, mas que é necessário quando se busca a criação de um projeto coletivo e assumido por todos os seus agentes.

Referências

ABRIEL, Valéria Cristina Castro; FOFONCA, Eduardo; MACIEL, Patrícia Daniela. Entre os dispositivos móveis interconectados e os processos de comunicação e aprendizagem ubíquas: a Educação de Jovens e Adultos na modalidade EAD. *Ação Midiática: Estudos em Comunicação*,

Sociedade e Cultura, Curitiba, n. 12, p. 279-303, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/48547/30020>. Acesso em: 13 out. 2022.

ALVES, Evandro; COMERLATO, Denise; SANT'ANNA, Sita Mara Lopes. Demanda potencial para o Ensino Fundamental na Educação de Jovens e Adultos no Estado do Rio Grande do Sul: um mapa em construção. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, Salvador, v. 7, p. 41-52, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/9824>. Acesso em: 5 out. 2022.

ARROYO, M. G. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L. J. G.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 19-52.

SANTOS, Juliana Silva dos; CORRÊA, Ivan Livindo de Senna. A formação docente na EJA: amorosidade, experiência e valorização do professor. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 30, n. 1-2, p. 11-21, jan./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/issue/view/2779>. Acesso em: 5 out. 2022.

TEIXEIRA, Mary Ângela Brandalise. Avaliação institucional da escola: conceitos, contextos e práticas. *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, v. 13, n. 2, p. 315-330, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68420656008>. Acesso em: 6 out. 2022.

Data de submissão: 15/12/2021

Data de aceite: 21/10/2022